

MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO SUJEITO NA LÍNGUA KA'APOR

por Nasle Maria Cabana (UFMG)¹

ABSTRACT

In this article I show that Ka'apor language exhibits Differential Subject Marking in both transitive and intransitive constructions. Regarding sentences with transitive verbs and with unergative verbs, the marking is related to the affectedness feature plus the agent feature of the subject; which make it an atypical subject. On the other hand, in unaccusative constructions, what is at stake is the control feature. In addition, I show that the DSM in Ka'apor can be analyzed at three different levels as proposed by Woolford (2008), to wit: the argument structure, the syntactic environment and the phonological form. I also demonstrate that, in Ka'apor, the DSM is not a mirror image of the DOM and that the rules governing DSM and the rules governing DOM are distinct from each other.

KEYWORDS: differential marking of the subject, mirror image.

DIFFERENTIAL SUBJECT MARKING IN KA'APOR

RESUMO

Neste artigo, mostro que a língua Ka'apor exhibe DSM, que consiste na marcação diferencial do sujeito, tanto de construções transitivas, quanto de construções intransitivas. Em relação aos sujeitos de verbos transitivos e inergativos, a marcação está condicionada ao traço afetado associado ao traço agente, o que os torna sujeitos atípicos. Em relação às construções inacusativas, está envolvido o traço controle. Foi constatado que DSM, em Ka'apor, pode ser analisado nos três níveis propostos por Woolford (2008), isto é, considerando a estrutura argumental, o ambiente sintático e a forma fonológica. Mostro ainda que DSM não é imagem espelhada de DOM e que as regras que regulam DSM e DOM são distintas.

PALAVRAS-CHAVE: marcação diferencial do sujeito, imagem espelhada.

1. CABANA, Nasle Maria. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos – FALE/UFMG. naslemc@hotmail.com

INTRODUÇÃO²

Neste artigo, trato do fenômeno ‘marcação diferencial do sujeito’ - DSM - e discuto a respeito dos traços que normalmente estão envolvidos neste fenômeno, considerando exemplos de diferentes línguas. Mostro que, em Ka’apor³, a marcação diferencial do sujeito ocorre por meio da presença/ausência da partícula [ke] enclítica tanto a sujeitos de verbos transitivos, quanto a sujeitos de verbos intransitivos e que este fenômeno acarreta distinções semânticas nas sentenças, conforme propõem Butt e King (2004) e Butt (2006). Estas autoras consideram marcas de caso determinantes na interpretação das sentenças. Em seguida, apresento minha análise sobre DSM exibido pela língua Ka’apor, norteadas pela proposta de Woolford (2008), que propõe que este fenômeno pode estar associado à estrutura argumental, à sintaxe ou ainda à PF (*phonological form*). Adicionalmente, comparo o modelo de DSM do Ka’apor com a proposta de Silverstein (1976), segundo a qual DSM é, em algumas línguas, imagem espelhada de DOM⁴. Exibo e analiso, ainda neste artigo, contextos em que sujeitos e objetos podem ser marcados.

Este artigo está dividido em 4 seções a saber: Na seção 1, apresento a definição de DSM. Exemplifico com dados de diferentes línguas e cito alguns traços envolvidos. Na seção 2, mostro que, em Ka’apor, ocorre DSM tanto com sujeitos de verbos transitivos quanto com sujeitos de verbos intransitivos e discuto os traços envolvidos, considerando como aparato teórico as ideias apresentadas por Butt e King (2004) e Butt (2006) que correlacionam caso morfológico com efeitos semânticos e o pressuposto de Saksena (1980), segundo o qual sujeitos agentes também podem ser alvos do evento. Na seção 3, analiso os dados do Ka’apor tendo em vista a proposta de Woolford (2008), considerando os diferentes níveis propostos pela autora para explicar a alternância na marcação do sujeito e o modelo de imagem espelhada proposto Silverstein (1976). Na seção 4, discuto os contextos em que sujeitos e objetos são marcados por [ke]. Na seção 5, acrescento algumas considerações finais.

1. MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO SUJEITO

Marcação de sujeito é um recurso exibido por algumas línguas para indicar a posição ou a função que esse argumento ocupa na sentença. Um exemplo é o que ocorre no georgiano⁵.

(1) *nino-m ačvena surat-eb-i gia-s*
Nino-AGT show.AOR.3SG picture-PL-PAT Gia-DAT
‘Nino showed the pictures to Gia.’

(georgiano (Harris 1981: 40))

2. Esta pesquisa conta com o apoio de uma bolsa de pesquisa, financiada pela FAPEMIG (projeto número 19901) e com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (PRPq/UFMG).

3. Esta língua pertence à família Tupí-Guaraní do tronco Tupí, e as aldeias dos índios Ka’apor situam-se no estado do Maranhão.

4. ‘Marcação diferencial de objeto’. Este fenômeno foi também observado na língua Ka’apor e faz parte da tese de doutorado de Cabana, ainda em andamento.

5. Língua falada na Geórgia, país situado no Cáucaso, entre a Europa e a Ásia.

Nota-se que o sujeito *nino* é identificado por meio do morfema *-m* que identifica sua agentividade e exibe ainda concordância com o verbo. O morfema *-i* indica que *surat* é paciente, portanto objeto. A sentença apresenta ainda o alvo que é identificado pelo morfema *-s* junto a *Gia*. O objetivo desta seção é tratar da marcação de sujeitos, mais especificamente, mostrar que algumas línguas apresentam alternância na sua marcação. Em seguida, destacamos alguns fatores que estão envolvidos neste fenômeno.

Woolford (2008) postula que DSM - marcação diferencial de sujeito - é um fenômeno que consiste na alternância na marcação do sujeito condicionada por determinados traços do NP na função de sujeito. Esta marcação pode ser realizada de diversas maneiras, como por meio de marcas morfológicas de caso, pela concordância com o verbo ou ainda pela ordem dos constituintes na sentença, desde que esteja envolvido algum traço exibido pelo sujeito. A autora defende que não existe uma regra exclusiva que gera DSM e que este fenômeno pode estar relacionado à estrutura argumental, à sintaxe ou ser resultado do *spell-out* na PF. Considerando o nível da estrutura argumental, a autora mostra que DSM pode ser resultado da atribuição do Caso dativo ou do Caso ergativo como ocorre em algumas línguas, cuja marcação está associada a uma posição theta. Em hindi⁶, por exemplo, a alternância do caso é consequência da atribuição do Caso dativo como em (2a) e do Caso ergativo como em (2b).

(2) a. *Siitaa-ko la.rke pasand the*
 Sita-DAT boys(NOM) like be(past,masc.pl)
 ‘Sita likes the boys.’

(Mahajan 1991 (7))

b. *Siitaa-ne laRkii-ko dekhaa*
 Sita(fem)-ERG girl-DAT see (perf, 3sg.masc.)
 ‘Sita saw the girl.’

(Mahajan 1990:87)

Semelhante é o que ocorre com o basco⁷, cuja atribuição de Caso está associada ao papel temático do NP sujeito, como pode se notar nos exemplos abaixo:

(3) a. *Ni-ri zure oinetako-a-k-Ø gustatzen zaizkit*
 I-DAT your shoes-DET-NOM like aux
 ‘I like your shoes.’

(Austin and Lopez 1995:12)

b. *Gizona-k kurritu du*
 man-ERG ran aux
 ‘The man ran.’

(Levin 1989:57)

6. Língua indo-ariana derivada do sânscrito e falada por 70% dos indianos, principalmente no norte, centro e oeste da Índia.

7. É o idioma ancestral dos bascos, povo que habitou historicamente o País Basco, região que abrange uma área do nordeste da Espanha e sudoeste da França.

c. *Miren-ek atea-Ø ireki du*
 Miren- ERG door-NOM open aux
 ‘Miren opened the door.’

(Levin 1989 (20))

d. *Atea-Ø ireki da*
 door-NOM open aux
 ‘The door opened.’

(Levin 1989 (21))

Em (3a), o sujeito é marcado por *-ri* que indica que o sujeito recebe o Caso dativo por possuir o papel temático de experienciador. Em (3b) e (3c), as marcas *-k* e *-ek* ocorrem porque os sujeitos recebem o Caso ergativo caracterizado pela agentividade. Em (3d), o sujeito é nominativo e, por esta razão, não recebe marca alguma.

Há situações em que a alternância na marcação do sujeito pode ser determinada pelo ambiente sintático. Em inuit/inuktitut⁸, como exemplificado abaixo, objetos com traços altos na hierarquia de pessoa e animacidade se movem para fora do vP, fazendo com que o sujeito receba o Caso ergativo, como em (4a). Nota-se que, nesta sentença, o sujeito recebe o Caso ergativo em virtude do objeto ser humano e definido. O mesmo não ocorre em (4b), isto é, o sujeito recebe o Caso nominativo porque o objeto é não definido.

(4) a. *arna-up angut taku-jaa.*
 woman-ERG man-NOM see-tr.3s/3s
 ‘The woman sees the man.’

b. *arnaq anguti-mik taku-juq.*
 woman- NOM man-INSTR/ACC see-intr.3s
 ‘The woman sees the/a man.’

(Johns 2001)

Woolford (2008) mostra ainda que existem casos em que DSM é simplesmente resultado de combinação de traços marcados não pronunciados na PF, isto é, traços marcados podem ser bloqueados na presença de outros traços marcados. Para explicar, a autora apresenta a hierarquia de Casos mais prováveis de serem marcados, transcrita abaixo:

(5) Ergativo > Dativo > Acusativo > Nominativo

8. Língua falada por indígenas esquimós localizados no artigo do Canadá, Groelândia e Alasca.

Contudo, o Caso mais marcado pode não ser pronunciado em combinação com traços marcados de primeira e de segunda pessoa. Isso é verificado em marathi⁹, conforme mostram os exemplos transcritos abaixo.

(6) *Ram-ne acəvlə.*

Ram-ERG handwashed (neuter. 3sg)

‘Ram washed his hands.’

(Comrie 1984 (15))

(7) *Mi-Ø acəvlə.*

I(ERG) handwashed (neuter. 3sg)

‘I washed my hands.’

(Comrie 1984 (16))

Note que, em (6), o sujeito *Ram* recebe a marca ergativa, *-ne*, mas em (7) esta marca não é pronunciada junto ao sujeito *Mi*, uma vez que se trata de um sujeito semanticamente marcado¹⁰. Woolford mostra que a combinação de traços marcados é fator que impede o *spell-out* de marcas de Caso em algumas línguas.

Tendo em vista a exposição do fenômeno DSM acima, na próxima seção, examino a marcação diferencial do sujeito em Ka’apor com o objetivo de apresentar os traços envolvidos.

2. DSM NA LÍNGUA KA’APOR

O objetivo desta seção é mostrar que a partícula [ke] é responsável pela alternância na marcação de argumentos na posição de sujeito de verbos transitivos e intransitivos da língua Ka’apor, fenômeno que acarreta distinções semânticas nas sentenças. A análise ancora-se teoricamente na proposta Butt e King (2004), Butt (2006), Saksena (1980) e Woolford (2008). Minha hipótese em relação ao fenômeno DSM é a de que a partícula [ke] figura enclítica ao sujeito quando este não consistir em um agente típico, isto é, essa partícula acrescenta o traço de afetação ao sujeito agente quando este for também alvo da ação verbal. Para explicar o fenômeno de agente afetado marcado em Ka’apor, apresento minha proposta para a escala de agentividade em (8):

(8) Escala de agentividade

sujeito agente > sujeito experienciador > sujeito agente afetado > sujeito afetado

9. É uma língua da Índia, falada principalmente em Maharashtra (na costa central ocidental da Índia), por aproximadamente 90 milhões de pessoas.

10. Woolford (2008: 23) assume que sujeito de 1ª. e de 2ª. pessoa são semanticamente marcados.

‘We see this second type of PF effect in Marathi, where ergative Case is not morphologically overt when it occurs in combination with marked person features. In Marathi, abstract ergative Case is not overtly realized in combination with first or second person’, (...)

De acordo com a escala em (8), o sujeito mais típico é o sujeito agente. A agentividade é uma característica prevista em sujeitos de construções transitivas ou inergativas, constituindo assim construções semanticamente não marcadas. Por outro lado, o sujeito experienciador corresponde àqueles que são alvos e possuem pouco ou nenhum controle sobre o evento. Nesses casos, o próprio verbo já carrega a informação de que o sujeito é afetado de alguma forma ou beneficiário, como ocorre com os sujeitos de verbos como ‘sofrer’, ‘receber’ e ‘lembrar’. Mas existem ainda construções cujos sujeitos são agentes, contudo são também afetados pela ação verbal. Como afetação não é uma característica comum para sujeitos agentes, construções assim são semanticamente marcadas. Na língua Ka’apor, sujeito agente com essa característica, ou seja, quando for também afetado, é marcado pela partícula [ke], distinguindo do sujeito agente tipicamente não afetado. Este fenômeno será explicado mais detalhadamente nas próximas subseções, a saber: na subseção 2.1, apresento os dados de minha análise e aponto os fatores envolvidos na marcação dos sujeitos de verbos transitivos e intransitivos em Ka’apor. Na subseção 2.2, apresento a proposta de Duarte (2012) sobre a função da partícula [ke] enclítica a sujeitos de verbos transitivos. Na subseção 2.3, apresento minha análise sobre DSM em Ka’apor. Na subseção 2.4, discuto os contextos em que sujeitos e objetos são marcados por [ke].

2.1. Apresentação dos dados

Nesta seção, apresento dados da língua Ka’apor a fim de determinar contextos que favorecem a ocorrência da partícula [ke] e contextos em que a partícula é dispensada. Nota-se que é possível que esta partícula figure, ou não, tanto em sujeitos de verbos transitivos, inergativos ou inacusativos, embora a marcação seja mais recorrente em sujeitos inacusativos. Isto se deve ao fato de esses últimos serem mais suscetíveis de receberem interpretação de afetação.

Em relação a construções transitivas, observa-se que os sujeitos são marcados, tendo em vista a escala de agentividade apresentada em (8). Dessa forma, são marcados os sujeitos que de certa forma são alvos do evento. Em Ka’apor, não há marcas que distinguem sujeitos agentes e sujeitos dativos como ocorre em hindi, por exemplo, como aponta Saksena (1980)¹¹. Diferentemente, em Ka’apor, a distinção se dá quando o sujeito é agente, mas carrega o traço afetado, o que pode ser interpretado como sujeito atípico. A distinção é feita marcando com [ke] o sujeito agente afetado. Alguns exemplos de sujeitos de verbos transitivos marcados são arrolados abaixo:

11. Saksena (1980) mostra que, em hindi, sujeitos agentes afetados são marcados diferentemente de sujeitos agentes típicos não afetados, por exemplo, em construções causativas, mostrando que esses traços possuem reflexo na sintaxe, como exemplificado.

(a) *mal-nee raam-koo khaanaa khil-aa-yaa.*
 I-agt Ram-d/a food eat- dc-past
 ‘I fed Ram.’

(b) *mal-nee raam-see peer kat-aa-yaa.*
 I-agt Ram-erg tree cut-dc-past(m.)
 ‘I made Ram cut the tree.’

Em (a) ‘Ram’ é marcado pelo dativo *-koo* por se tratar de um sujeito agente, mas também afetado. Em (b) ‘Ram’ é marcado com o ergativo *-see* por carregar apenas o traço de agente típico.

(9) *ne ke ihẽ re-mu-pu'am 'y*
 you AFT 1SG 2SG-CAUS-get up PERF.1
 ‘Você me levantou.’

(Duarte, 2012)

(10) *a'e ke u-'u ta pypyhu ke tĩ*
 3SG AFT 3-comer VOL coruja AFT REP
 ‘Ele está indo comer a coruja.’

(Duarte, 2012)

(11) *ihẽ ke u'i a-karãj*
 1SG AFT farinha 1SG-torrar
 ‘Eu torro farinha.’

(Silva, 2001:51)

Construções como as acima poderiam não ter seus sujeitos marcados caso não fosse atribuído ao sujeito o traço afetado. Em outros contextos, sujeitos de construções transitivas não são marcados, como nos exemplos abaixo:

(12) *jane ja-sak ma'ewyra r-ehe*
 1PL 1PL-ver pássaro R-em relação a
 ‘Nós vimos o pássaro.’

(Caldas, 2009:284)

(13) *ne ihẽ ke re-karãj tĩ*
 2sg 1sg aft 2SG-arranhar REP
 ‘Tu me arranhaste também.’

(Caldas, 2009:235)

(14) *ihẽ u'i a-karãj a-xo*
 1SG farinha 1SG-torrar 1SG-estar em movimento
 ‘Eu estou torrando farinha.’

(Caldas, 2009:235)

(15) *a'e tatu ke u-'u ta*
 3SG tatu AFT 3SG-comer VOL
 ‘Ele vai comer o tatu.’

(Duarte, 2012)

Em (9), (10) e (11), a presença da partícula [ke] indica que a ação foi realizada com certa dificuldade ou que causou algum malefício ao sujeito. O que não é observado em (12), (13), (14) e (15). Em (9), a sentença *ne ke ihẽ re-mu-pu'am 'y* indica que ‘levantar você’ envolve sacrifício para o sujeito *ne*. Por outro lado, em (12), *jane ja-sak ma'ewyra r-ehe* ‘nós vimos ver o pássaro’ não indica sacrifício. Em (10), o sujeito é marcado porque, na cultura Ka'apor, *u-'u pypyhu* ‘comer coruja’

é algo ruim e essa interpretação é possível pela presença do [ke] enclítico ao sujeito. No entanto, se o complemento do verbo for, por exemplo, *tatu*, o [ke] não é acionado junto ao sujeito, como em (15), visto que a afetação não está envolvida. ‘Comer tatu’ em entre os Ka’apor é algo comum e não envolve sacrifício. Outro exemplo, envolvendo alternância na marcação do sujeito, ocorre com o verbo *karāj*. Em (11), o sujeito é marcado pelo [ke] porque está sendo expresso que a ‘ação de torrar farinha’ é feita com sacrifício para o sujeito e que, por essa razão, é marcado. Esse mesmo verbo *karāj* pode ser empregado sem que o sujeito seja marcado, indicando tratar-se de um sujeito agente típico não afetado, como nos exemplos (13) e (14) acima.

Verbos intransitivos exibem também alternância na marcação dos sujeitos. Os traços envolvidos na marcação de sujeitos de verbos inergativos são semelhantes aos de construções transitivas, isso porque os sujeitos de ambas as construções são agentes do evento. Dessa forma, como exemplificado abaixo, o sujeito é interpretado como afetado pelo evento quando for marcado.

(16) *ihẽ a'e ke ihẽ r-ena-pe ta trabaja*
 1SG 3 AFT 1SG CT-lugar em imin trabalhar
 ‘Ele vai trabalhar no meu lugar.’

(Caldas, 2009:206)

Note que, em (16), o sujeito *a'e* ‘ele’ é marcado pelo [ke], o que acrescenta a informação de que se trata de uma tarefa que o sujeito não queira realizar voluntariamente e que envolve sacrifício. Há, entretanto, construções com verbos inergativos, cujos sujeitos não são marcados como nos exemplos abaixo:

(17) *ihẽ ma'e a-kekar*
 1 SG coisa 1 SG -caçar.
 ‘Eu caço.’

(Caldas, 2009:236)

(18) *ihẽ a-por*
 1SG 1SG-pular
 ‘Eu pulo.’

(Caldas, 2009:273)

Em (17) e (18), os sujeitos do verbo *kekar* ‘caçar’ e do verbo *por* ‘pular’ são tipicamente agentes e por essa razão a partícula [ke] não figura. É comum ainda alternância na marcação de sujeito do verbo *hyk* ‘chegar’.

(19) *a'e Ø-sawa'e ke u-hyk 'ym*
 3 ct-marido AFT 3-chegar NEG
 ‘O marido dela não chega.’

(Silva, 2001:47)

- (20) *ihẽ Ø-saw'e u-hyk*
 1SG CT-marido 3-chegar
 'Meu marido chegou.'

(Caldas, 2001:5)

Em (19), a partícula negativa 'ym 'não' confere ao evento *hyk* 'chegar' um aspecto negativo, enquanto que em (20) isso não acontece.

Em relação a sujeitos de verbos inacusativos, estes são marcados mais frequentemente, como mostram os exemplos:

- (21) *Ana fita ke Ø-upa ta te*
 Ana fita AFT CT-ter fim IMIN VER
 'Ana, a fita vai acabar.'

(Caldas, 2001:38)

- (22) *ta'yn ta ke Ø-jixi'u ja-jur rahã*
 criança ASS AFT 3-chora 1PL-vir quando
 'As crianças choraram muito quando nós viemos.'

(Silva, 2001:46)

- (23) *pano ke upa u-kwaj*
 pano AFT tudo 3-queimar
 'O pano queimou-se todo.'

(Caldas, 2001:36)

- (24) *ihẽ Ø-haj ke upa u-'a*
 1SG CT-roupa AFT tudo 3-rasgar
 'Meu vestido rasgou.'

(Caldas, 2001:36)

Entretanto, é possível verificarmos construções inacusativas cujos sujeitos não são marcados sem que haja uma distinção explícita, como nos exemplos abaixo.

- (25) *ihẽ Ø-jyw a-juhar*
 1SG R-braço 1SG-coçar
 'Meu braço coça.'

(Caldas, 2009:226)

- (26) *'y sururu o-ho*
água escorre 3SG-ir
 'A água escorre.'

(Caldas, 2009:288)

Garcia (2009, p.154) explica que construções como em (25) e em (26) o clítico [ke] pode não estar realizado fonologicamente, mas está presente no nível da representação lógica.

Em algumas construções inacusativas, entretanto, parece estar envolvido o traço controle. Um mesmo verbo pode ter seu sujeito marcado ou não, e a distinção semântica em questão é a intenção do sujeito. Note que há alternância na marcação das sentenças abaixo construídas com o verbo *kwer* ‘dormir’. Em (27) e (28), é possível a interpretação de que os sujeitos tenham involuntariamente dormido, constituindo, dessa forma, típicas construções inacusativas em que o sujeito é paciente e marcado por [ke].

(27) *jane ke r-amũj ke u-kwer*¹²
 1PL AFT R1-avô AFT 3-dormir
 ‘Nossos avós dormiram.’

(Caldas, 2009:330)

(28) *pe jane r-amũj ke Ø-pyhyi u-kwer*
 então 1PL R1-avô AFT 3- pegar no sono 3-dormir
 ‘Então nossos avós tiveram sono e dormiram.’

(Caldas, 2009: 329)

(29) *ihẽ a-ker ta*
 1 SG 1 SG -dormir IMIN
 ‘Eu dormirei.’

(Caldas, 2009:291)

Em (29), entretanto, o sujeito não é marcado e, somando se a isso, o fato de a construção indicar um fato a ser ainda realizado¹³, é possível concluir que o sujeito possui controle sobre a ação. Ele tem a intenção de dormir e, por esta razão, não é marcado. Distinção semelhante pode ser observada nos exemplos abaixo. Quanto menos for possível controle do sujeito sobre a ação, maior a possibilidade de ser marcado. Em (30) e em (31), os sujeitos são inanimados, pacientes, por isso marcados.

(30) *Ø-u’y ke u-‘ar upa*
 G-flecha AFT 3-cair tudo
 ‘A flecha caiu completamente.’

(Caldas, 2001:30)

(31) *myra r-o ke u-‘ar u-kwa*
 árvore CT-folha AFT 3-cair 3-passar
 ‘A folha caiu da árvore.’

(Siva, 2001:47)

12. Há duplicação do [ke] na sentença em (26), entretanto as duas ocorrências fazem referência ao sujeito *jane r-amũj* ‘nossos avós’. O [ke] poderia ocorrer também somente depois de *amũj* ‘avós’ sem prejuízo em relação a significação, como no exemplo em (27).

13. Indicado pela partícula ‘ta’ que informa que o evento não se realizou, mas está prestes a se realizar.

Em (32) e (33) abaixo, os sujeitos são humanos, mas o [ke] permite a leitura de que são afetados e não possuem controle sobre o evento.

(32) *ihẽ ke a-'ar*
1 SG AFT 1 SG -cair
'Eu caio.'

(Silva, 2001:47)

(33) *a'e ke u-'ar u-kwa Ø-kangwer upa Ø-mu-ku'i*
3 AFT 3-cair 3-passar G-osso tudo 3-CAUS-ter em pó
'Ele caiu e moeu o osso todo.'

(Caldas, 2001:36)

Contudo, a ausência da partícula [ke] em (34) e (35) permite a interpretação de que o evento foi realizado com controle. A 'queda' foi realizada pelos sujeitos de forma voluntária e, dessa forma, não constituem pacientes típicos de construções inacusativas.

(34) *a'e 'y pe u-'ar o-ho jupetẽ o-ho*
3SG água em 3SG -cair 3SG -ir nadar 3SG -ir
'Ele caiu na água para nadar.'

(Caldas, 2009:245)

(35) *ihẽ ne namõ a-'ar ta a-ho kĩ*
1 SG 2 SG com 1 SG -cair ASS 1 SG -ir INT
'Eu caio junto com você.'

(Caldas, 2009:245)

A ausência de [ke] nas construções (29), (34) e (35) acima, causa uma mudança no estatuto dos verbos 'ar 'cair' e *kwer/ker* 'dormir'. De uma leitura inacusativa para uma leitura inergativa, uma vez que a ausência da partícula pode ser associada ao controle do sujeito, ao passo que a presença da partícula permite a interpretação de que o sujeito não tem controle sobre o evento e é paciente.

É importante acrescentar que, embora sujeitos de verbos inacusativos sejam frequentemente marcados, assim como objetos de verbos transitivos, os traços envolvidos não são os mesmos. Os objetos marcados são sempre humanos ou definidos, e os não marcados, indefinidos¹⁴. Já os sujeitos de verbos inacusativos definidos podem ser marcados ou não, já que o que está envolvido é o controle sobre o evento.

2.2. Proposta de Duarte (2014)

De acordo com a proposta de Duarte (2014), a partícula [ke] denota semântica de afetação contribuindo para o significado do D/NP marcado. Dessa forma, a ausência dessa partícula está relacionada à agentividade e, por essa razão, é menos comum junto a sujeitos de verbos transitivos e de verbos inergativos. Segundo Duarte, sujeito que não é marcado pela partícula [ke] corresponde ao sujeito agente prototípico, visto que este sujeito exerce, em geral, controle sobre o evento. Por outro lado, o sujeito marcado por [ke] não é prototipicamente agente, mas, ao contrário, corresponde a um argumento

14. Análise apresentada na tese de doutorado de CABANA. (Em andamento)

cujo papel temático é híbrido, já que é simultaneamente agente do evento e também aquele que é o afetado. Dessa forma, Duarte propõe que a partícula [ke] é engatilhada sempre que o sujeito de verbo transitivo é pragmaticamente afetado pela ação denotado pelo evento. Isso pode ser constatado pela sentença a seguir:

- (36) *ihẽ ke u'i a-karãj*
1SG AFT maniok 1SG-toast
'I toasted maniok.'

(Duarte, 2014)

Duarte explica que, na sentença acima, o sujeito causa o evento ao mesmo tempo em que é também o afetado. O sujeito realizou a ação de 'torrar' com algum sofrimento. A razão disso é que, na cultura Ka'apor, 'torrar mandioca' é uma tarefa árdua. Note que, na sentença abaixo, construída com o mesmo verbo 'karãj' (torrar, arranhar) a ausência de [ke] indica simplesmente que o sujeito é um agente não afetado.

- (37) *ihẽ ne ke a-karãj*
1SG 2SG AFT 1SG-arranhar
'Eu arranhei você.'

(Caldas, 2009:235)

Em síntese, Duarte (2014) explica que, em Ka'apor, sujeitos de verbos transitivos são marcados pela partícula [ke] em contextos em que, além de agentes, são também afetados e possuem pouco controle sobre o evento. A ausência de [ke], por sua vez, implica que o sujeito tem maior controle sobre a ação, sendo caracterizado como um agente prototípico.

3. ANÁLISE DE DSM EM KA'APOR

Nesta seção, apresento análise da alternância na marcação de sujeitos da língua Ka'apor com base na proposta de Woolford (2008) e, ao final, comparo o modelo de DSM e de DOM exibido por esta língua com o modelo de imagem espelhada proposto por Silverstein (1976).

3.1. Dsm e os níveis gramaticais

Woolford (2008) propõe que não existem princípios ou regras gramaticais específicas que produzem DSM nas línguas, mas que o fenômeno pode estar associado à estrutura argumental das sentenças, quando ocorre a atribuição do papel temático dos argumentos externos; à sintaxe, quando a alternância na marcação está relacionada a ambientes sintáticos; ou ainda estar relacionado à forma fonológica, isto é, ser resultado da realização ou não de traços. Considerando os sujeitos de verbos transitivos da língua Ka'apor, ficou constatado que o que está em jogo é o fato de, em alguns contextos, o sujeito apresentar um traço atípico. Quando for agente e também alvo do evento. Nesses casos, a partícula [ke] vai figurar acrescentando a informação de que o sujeito agente é também alvo do evento. Um indício de que a partícula [ke], além de outras funções na língua, está relacionada ao papel temático alvo, é o fato de em construções com dois objetos, marcar o argumento que corresponde ao alvo, como em:

- (38) *ihẽ kamanai a-panu ne ke Ø-pe*
 1SG feijão 1SG-pedir 2s AFT CT-para
 ‘Eu pedi feijão para você.’

(Silva, 2001:52)

Contudo, o [ke] não figura em sujeitos verdadeiramente alvos ou experienciadores, mas quando é simultaneamente agente e afetado. Isso não descarta a possibilidade de DSM, em Ka’apor, ser resultado da atribuição do papel temático que ocorre no nível onde argumentos são mapeados e theta marcados. Embora Caso, nesta língua, seja atribuído via relações estruturais por meio de marcas de concordância com o verbo, independentemente do papel temático do sujeito, as construções cujos sujeitos são marcados por [ke] possuem uma marcação não canônica. Este tipo de marcação, segundo Onishi (1984/2001), ocorre quando um pequeno grupo de verbos tem seus argumentos marcados de forma diferente dos demais. Dessa forma, os argumentos externos cujo papel temático é, segundo Duarte (2012), híbrido, ou seja, possui características de agente e de afetado, são mapeados diferentemente do sujeito tipicamente agente ou tipicamente experienciador. Isso comprova o fato de que DSM, em Ka’apor, estar associado à estrutura argumental.¹⁵

Por outro lado, não é somente o verbo que é responsável pela atribuição do papel temático de agente afetado, mas todo o evento. O tipo de complemento do verbo é fator determinante para a marcação ou não do sujeito, conforme mencionado anteriormente. Isto significa que o verbo mais o objeto determinam o traço de agente afetado ou de agente não afetado do sujeito, conforme os dados transcritos abaixo:

- (39) *ihẽ ke u’i a-karãj*
 1SG AFT farinha 1SG-torrar
 ‘Eu torro farinha.’

(Silva, 2001:51)

- (40) *ne ihẽ ke re-karãj tĩ*
 2SG 1SG AFT 2SG-arranhar RE
 ‘Tu me arranhaste também.’

(Caldas, 2009:235)

As construções acima possuem a mesma forma verbal *karãj* ‘torrar, arranhar’, porém, por si só, o verbo não é capaz de atribuir o traço afetado para o sujeito, mas em conjunto com o seu complemento. Em (39), *u’i a-karãj* ‘torrar farinha’ afeta o sujeito, mas em (40), *ne ihẽ ke re-karãj tĩ* ‘tu me arranhaste também’ não acontece o mesmo. Por esta razão, podemos considerar que, em Ka’apor, a marcação do sujeito de sentenças transitivas é também determinada pelo ambiente sintático, ou ainda pelos traços do objeto. Semelhante é o que ocorre em turco, embora o fator que motiva a marcação seja de outra natureza. Nesta língua, a especificidade do objeto está envolvida na especificidade do sujeito, mostrando que a alternância de Caso do sujeito é determinada pelo ambiente sintático. Note que, no exemplo (41), a marcação de especificidade do sujeito é paralela à especificidade do objeto

15. Licenciamento de Caso associado à marcação theta, que ocorre no nível onde os argumentos são mapeados.

em cláusulas nominalizadas. O sujeito é marcado com o Caso genitivo se o objeto é específico como em (41a); se é não específicos não recebe nenhuma marca de Caso morfológico como em (41b).

(41) a. [*köy-ü* *bir haydut-un* *bas-tiḡ— -in*] -1 *duy-du -m*.
 village-ACC a robber-GEN raid-FN -3sg-ACC hear-pst-1sg
 ‘I heard that a (certain) robber raided the village.’ (specific for all speakers)

b. [*köy-ü* *haydut* *bas-tiḡ— -in*] -1 *duy-du -m*.
 village-ACC robber raid-FN -3sg-ACC hear-pst-1sg
 ‘I heard that robbers raided the village’

(non-specific, generic reading as the only reading) (Kornfilt, this volume, 3a,b)

Em relação a construções inergativas do Ka’apor, o que determina a marcação do sujeito é também receber o papel temático de agente afetado, fazendo a distinção do sujeito agente não afetado, como mostram os exemplos transcritos abaixo:

(42) *ihẽ a’e ke ihẽ r-ena-pe ta trabaja*
 1SG 3 AFT 1SG CT-lugar em imin trabalhar
 ‘Ele vai trabalhar no meu lugar.’

(Caldas, 2009:206)

(43) *ihẽ ma’e a-kekar*
 1 SG coisa 1 SG -caçar.
 ‘Eu caço.’

(Caldas, 2009:236)

Pode-se então afirmar que a marcação diferencial do sujeito inergativo ocorre também no nível da estrutura argumental, no momento em que os argumentos são mapeados.

Por outro lado, as construções inacusativas são mais marcadas por apresentarem o traço afetado. Contudo, se a volição for associada ao traço afetado do sujeito inacusativo, este deixará de ser marcado, uma vez que o sujeito poderá ser interpretado como possuindo controle sobre o evento, como mostram os exemplos transcritos abaixo:

(44) *myra r-o ke u-‘ar u-kwa*
 árvore CT-folha AFT 3-cair 3-passar
 ‘A folha caiu da árvore.’

(Siva, 2001:47)

- (45) *a'e ke u-'ar u-kwa Ø-kangwer upa Ø-mu-ku'i*
 3 AFT 3-cair 3-passar G-osso tudo 3-CAUS-ter em pó
 'Ele caiu e moeu o osso todo.'

(Caldas, 2001:36)

- (46) *a'e 'y pe u-'ar o-ho jupetẽ o-ho*
 3SG água em 3SG -cair 3SG -ir nadar 3SG -ir
 'Ele caiu na água para nadar.'

(Caldas, 2009:245)

Na construção em (44), o sujeito não possui controle e é afetado. É uma construção tipicamente inacusativa e, por esse razão, o sujeito é marcado por [ke]. Em (45), embora o sujeito seja humano, também não possui controle sobre o evento e é afetado e marcado. Por outro lado, a construção em (46) sugere que o sujeito 'caiu' intencionalmente e esse controle sobre o evento desencadeia a não marcação.

Ainda assim, há construções em que o sujeito é afetado, não tem controle sobre o evento e não é marcado, como ocorre nas sentenças abaixo:

- (47) *ihẽ Ø-jyw a-juhar*
 1 SG R-braço 1SG-coçar
 'Meu braço coça.'

(Caldas, 2009:226)

- (48) *'y sururu o-ho*
 água escorre 3SG-ir
 'A água escorre.'

(Caldas, 2009:288)

Construções como em (47) e (48) podem ser analisadas no nível da PF 'forma fonológica', conforme também propõe Woolford (2008). Isso porque o traço afetado está presente no evento, apenas não é pronunciado.

3.2. Modelo de Dsm e Dom

Silverstein (1976) propõe um modelo de DSM como imagem espelhada de DOM. Isto porque, segundo o autor, as línguas marcam preferencialmente os objetos com traços menos previstos para esse argumento, isto é, quando forem mais humanos e mais definidos. E são justamente estes os traços mais previstos para o sujeito. Por outro lado, os traços mais esperados para objeto são atípicos para o sujeito, como inanimados e indefinidos. O autor propõe que devam ser marcados sujeitos e objetos que possuem traços atípicos para evitar, inclusive ambiguidade nas sentenças. Contudo, Silverstein observa que o modelo 'imagem espelhada', com restrições opostas marcadas, nem sempre é o que ocorre de fato nas línguas. Considerando a marcação de sujeitos e de objetos em Ka'apor, observamos que estas estão submetidas à ocorrência de traços atípicos, tanto no sujeito quando no objeto, mas nesse caso não se trata de traços que estão em extremos opostos, como propõe Silverstein. Os objetos são marcados quando possuem traços altos de animacidade e de definitude que são mais es-

perados para o sujeito. Seguindo o modelo proposto pelo autor, era de se esperar que fossem mais marcados os sujeitos de terceira pessoa, inanimados ou indefinidos, uma vez que esses são os traços mais esperados para o objeto e não para o sujeito. O Ka'apor, entretanto, não marca os sujeitos tendo em vista os traços animacidade e definitude como de fato acontece com o objeto, mas o traço afetado associado ao papel temático de agente. Dessa forma, a marcação cumpre a função de marcar sujeito atípico considerando que não é comum sujeito ser agente e afetado ao mesmo tempo. Como, além da afetação, o sujeito deve também ser agente, é necessário que seja mais humano e mais definido. De certa forma, é possível dizer então que há uma relação quase que paralela entre a marcação do sujeito e a marcação do objeto na língua Ka'apor.

4. CONTEXTOS EM QUE SUJEITOS E OBJETOS SÃO MARCADOS POR [KE]

Nesta seção, mostro que algumas construções transitivas em Ka'apor podem ter seus dois argumentos marcados pela partícula [ke]. Entretanto, a razão que motiva cada uma das ocorrências é distinta, isto é, as regras de marcação do sujeito e do objeto não são as mesmas. Por essa razão, pode-se inferir que o [ke] é uma partícula multifuncional já que pode ser atribuída a ela funções distintas. A partícula [ke] é responsável por tornar possível uma leitura mais definida e específica de argumentos internos da língua Ka'apor, mais especificamente, dos objetos de sentenças transitivas. O [ke] vai figurar junto a objetos sempre que forem mais humanos e mais definidos, isto é, quando possuírem traços menos prováveis para objetos e mais prováveis para sujeitos. Por outro lado, a ausência da partícula junto a objetos permite uma leitura indefinida ou genérica. Dessa forma, ficou constatado, em relação ao objeto, que não é o traço afetado que motiva a presença ou não do [ke], como previam outras análises¹⁶. Os contrastes semânticos resultado da presença ou não da partícula [ke] podem ser visualizados com os exemplos transcritos em (49), (50), (51), (52) abaixo. Note que a partícula [ke] permite uma leitura definida do objeto em (49) e (50). Por outro lado, a ausência da partícula está relacionada à não definitude, como mostram os exemplos em (51) e (52).

(49) *ne ke u-'u ke re-karãj ta*
 2SG AFT farinha AFT 2SG-torrar IMIN
 'Você vai torrar a farinha.'

(Silva, 2001:53)

(50) *a'e ta ke u-'u ta moj ke ã*
 3 ASS AFT comer IMIN cobra AFT REP
 'Eles vão comer a cobra.'

(Silva, 2001:53)

(51) *ihẽ ke u'i a-karãj*
 1SG AFT farinha 1SG-torrar
 'Eu torro farinha.'

(Silva, 2001:51)

16. Silva (2001), Caldas (2001), Garcia (2009) e Duarte e Garcia (2009).

- (52) *a'e ta Ø-jukwa pira xĩbonamõ*
 3P ASS 3-matar peixe timbó com
 'Eles matam peixe com timbó.'

(Caldas, 2009:226)

Já em relação ao sujeito, a partícula [ke] está diretamente relacionada ao traço afetado, justamente porque esse não é um traço típico para argumentos nessa posição. O [ke] figura enclítico a sujeitos quando estes tiverem comportamento não esperado, isto é, quando, além de agentes, forem também alvos do evento, conforme mostram os exemplos (49), (50) e (51) acima. Verifica-se, portanto, que o traço afetado é determinante para a marcação do sujeito, mas não determinante na marcação do objeto, embora objetos afetados possam também ser marcados desde que sejam altos em animacidade e definitude.

Em virtude do que foi apresentado sobre DSM e sobre DOM, assumo que um fenômeno não interfere no outro. Isso fica claro quando se verifica que a língua Ka'apor exhibe sentenças em que ambos argumentos são marcados, ou só o sujeito, ou só o objeto. No exemplo da sentença abaixo, o sujeito é marcado porque é um agente afetado e o objeto é marcado por ser definido.

- (53) *ne ke u-'u ke re-karãj ta*
 2SG AFT farinha AFT 2SG-torrar IMIN
 'Você vai torrar a farinha.'

(Silva, 2001:53)

O mesmo ocorre na sentença em (54). A partícula [ke] junto ao sujeito do verbo "u" (comer) permite a interpretação de que o traço afetado está também envolvido, denunciando não ser agradável comer cobra. O objeto, por sua vez, é marcado por ser definido.

- (54) *a'e ta ke u-'u ta moj ke ãĩ*
 3 ASS AFT comer IMIN cobra AFT REP
 'Eles vão comer a cobra.'

(Silva, 2001:53)

Similarmente em (55), o sujeito é nitidamente afetado, provavelmente sem controle da ação e o objeto definido.

- (55) *a'e ke i-py ke Ø-tukwa*
 3 AFT NCNT-pé AFT 3-bater
 'Ele bateu seu próprio pé.'

(Silva, 2001:53)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostrei, neste artigo, que a língua Ka'apor exibe DSM, marcação diferencial do sujeito, fenômeno que é motivado pelo traço de afetação. Ficou constatado que a partícula [ke] é acionada quando sujeitos agentes forem também afetados, isto é, quando forem desencadeadores e ao mesmo tempo alvos pelo evento. Argumentei ainda que as regras que motivam DOM e as que motivam DSM não são as mesmas e que não estão conectadas. DOM é motivado pelos traços de animacidade e de definitude. Por outro lado, DSM é motivado pelo traço de afetação associado ao papel theta de agente. Em outras palavras, [ke] marca argumentos quando estes são semanticamente marcados, isto é, possuem traços menos previstos. Dessa forma, assumo que a partícula [ke] é multifuncional e contribui para a interpretação semântica dos argumentos nucleares da língua Ka'apor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Balée, William. *Informações sobre a etnia Ka'apor*. www.isa.org.br.

Butt, Miriam e Tracy Holloway King. (2004). *The status of Case in Studies in natural language on linguistic theory*. vol 61, 3, P.153-198. DOI: 10.1007/978-1-4020-2719-6.

Butt, Mirian. (2006). *The dative-ergative connection empirical issues in syntax e semantic* 6. O. Bonami e P. Cabredo Hofherr eds., pp 69-92.

Cabana, Nasle Maria. (2013). *Relação não biunívoca entre caso morfológico e Caso abstrato na língua Ka'apor*. Anais do Silel. Vol.3, número 1. Uberlândia: UDUFU.

Cabana, Nasle Maria. *Marcação diferencial dos argumentos nucleares da língua Ka'apor*. Tese de doutorado em andamento. Universidade Federal de Minas Gerais.

Caldas, Raimunda Benedita Cristina. (2001). *Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apor*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém.

Duarte, Fábio Bonfim e Garcia, Mário Alexandre. (2009). *A partícula Ke como disgnóstico de inacusatividade na língua Ka'apor*. A linguística.

Duarte, Fábio Bonfim. (2014). *On the semantics of affectedness and its implications for argument structure in the Ka'apor Language* in Revista Linguística. Volume 10 Número 1 Junho 2014. Organizado por Aleria Cavalcante Lage (UFRJ), Marcia Damaso Vieira (UFRJ) e Gean Nunes Damulakis (UFRJ).

Garcia, Mário Alexandre. (2009). *Aspectos gramaticais da língua Ka'apor*. Tese de doutorado. FALE/UFMG.

Onishi, Masayuki. ([1984] 2001). *Non-canonically marked subjects and objects: Parameters and Properties*. In Aikhenvald, Alexandra, Dixon, R.M.W., Onishi, Masayuki. *Non-canonical Marking of Subjects and Objects*. John Benjamins Company/Philadelphia.

Saksena Source, Anuradha. (1980). The Affected Agent Author(s). *Language*, Vol. 56, No. 4, pp. 812-826 Published by: Linguistic Society of America Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/413490>.

Silverstein, Michael. (1976). *Hierarchy of features and ergativity*. In: Dixon, R.M.W. (ed.) *Grammatical categories in Australian languages*. New Jersey: Humanities Press, P.112-171.

Silva, Tabita Fernandes. (2001). *Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka'apor*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém.

Woolford, Ellen. (1997). *Four-way case systems: ergative, nominative, objective e accusative*. *Natural Language and Linguistic Theory* 181-227. Kluwer academic publisher in the Netherlands.

Woolford, Ellen. (2008). *Differential Subject Marking at Argument Structure, Syntax, and PF*: In Helen de Hoop and Peter de Swart eds., *Differential Subject Marking*. P. 17-40. Department of Linguistics University of Massachusetts Amherst.